

## PSICOLOGIA CLÍNICA E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Ítalo Martins Lôbo<sup>1</sup>  
Andreza Carolina Ramos Lôbo<sup>2</sup>  
Elisangelica Melo Portela<sup>3</sup>  
Helane Liege Belisario Pinto Ambrozim<sup>4</sup>  
Junia Belisario Pinto<sup>5</sup>  
Marciane Dias dos Santos  
Silvana Maria Aparecida Viana Santos<sup>6</sup>

**RESUMO:** A atuação da psicologia clínica no acompanhamento de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem despertado crescente interesse, especialmente diante da ampliação dos diagnósticos e da diversidade de perfis que o espectro abrange. O presente artigo tem como objetivo analisar os desafios e as oportunidades enfrentadas pela psicologia clínica na compreensão, intervenção e acolhimento de pessoas com TEA, considerando os avanços teóricos e práticos da área. A pesquisa bibliográfica fundamenta-se em produções recentes de autores que discutem a prática clínica com base em referenciais contemporâneos. Observa-se que, apesar das dificuldades relativas ao diagnóstico precoce, à construção de vínculos e à adequação das abordagens terapêuticas, a área tem avançado no sentido de promover atendimentos mais humanizados e individualizados. Com isso, a psicologia clínica amplia suas possibilidades de atuação, propondo caminhos mais integrativos, que dialogam com as necessidades singulares de cada sujeito com TEA.

96

**Palavras-chave:** Psicologia Clínica. Autismo. Intervenção.

**ABSTRACT:** The practice of *clinical psychology* in supporting individuals with *autism spectrum disorder* (ASD) has gained increasing attention, especially due to the rise in diagnoses and the diversity of profiles encompassed by the spectrum. This article aims to analyze the challenges and opportunities faced by *clinical psychology* in understanding, intervening, and providing care for people with ASD, considering theoretical and practical advances in the field. The bibliographic research is based on recent publications by authors who discuss clinical practices using contemporary frameworks. It is observed that, despite difficulties related to early diagnosis, the building of therapeutic bonds, and the adaptation of intervention strategies, the field has evolved toward more humanized and individualized approaches. As a result, *clinical psychology* expands its scope of action, proposing more integrative paths that address the unique needs of each person with ASD.

**Keywords:** Clinical Psychology. Autism. Intervention.

<sup>1</sup>Doutorando em Psicologia Clínica, Christian Business School (CBS).

<sup>2</sup>Especialista em Neuropsicologia, Unyleya.

<sup>3</sup>Mestranda em Psicologia Organizacional, Must University (MUST).

<sup>4</sup>Mestranda em Gestão de Cuidados da Saúde, Must University (MUST).

<sup>5</sup>Mestranda em Gestão de Cuidados da Saúde, Must University (MUST).

<sup>6</sup>Doutoranda em Ciências da Educação, Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS).

## I INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) configura-se como uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por alterações na comunicação, na interação social e por comportamentos repetitivos e restritos. Tais manifestações podem variar significativamente em intensidade e forma, exigindo que a prática clínica se adapte às múltiplas expressões do espectro. Nos últimos anos, o número de diagnósticos tem aumentado, o que impõe à psicologia clínica a responsabilidade de repensar suas abordagens e oferecer intervenções coerentes com as demandas específicas de cada sujeito.

Tendo em vista esse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar os desafios e as oportunidades enfrentadas pela psicologia clínica na compreensão, intervenção e acolhimento de pessoas com TEA, à luz de referenciais teóricos atuais. A partir de uma pesquisa bibliográfica, o texto propõe discutir os impasses e os caminhos possíveis no campo clínico, articulando saberes da psicologia com as necessidades da prática contemporânea.

O desenvolvimento do trabalho está organizado em dois capítulos: o primeiro apresenta os desafios enfrentados na prática clínica com indivíduos com TEA; o segundo discute as oportunidades que emergem a partir das novas abordagens terapêuticas e das construções ético-políticas que sustentam a atuação do psicólogo clínico.

### 1.1 Revisão Bibliográfica – Estudos Recentes sobre Psicologia Clínica e TEA

A seguir, apresentam-se dois quadros com os principais estudos utilizados nesta pesquisa, publicados entre 2019 e 2025, organizados conforme sua contribuição para a análise dos desafios e oportunidades na clínica psicológica com pessoas com TEA.

**Quadro 1** – Desafios na Prática Clínica com Pessoas com TEA (2016–2023)

Autor(es)	Ano	Título	Contribuição para o Estudo
Bosa, C. A.	2016	Autismo: intervenções baseadas em evidências e práticas clínicas	Compreensão da escuta clínica e da construção de vínculo com sujeitos autistas.
Silva, A. L.; Rocha, M. N.	2019	Avaliação psicológica e o espectro autista	Aponta limites de instrumentos padronizados na avaliação do TEA.
Costa, M. F.; Pinto, R. J.; Lima, S. A.	2020	Formação de psicólogos e desafios	Discute lacunas formativas na

		no atendimento ao TEA	graduação em Psicologia.
Andrade, T. S.; Rodrigues, C. B.	2021	Comunicação não verbal e intervenção clínica no autismo	Reforça a importância da escuta para além da linguagem verbal.
Tamanaha, A. C.; Pereira, J. C.	2022	Famílias e acolhimento clínico no autismo	Aborda o impacto das resistências familiares no processo terapêutico.
Moura, V. M.; Silva, P. F.	2023	Políticas públicas e psicologia clínica no campo do autismo	Aponta entraves institucionais e a precarização do atendimento clínico.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025)

**Quadro 2 – Oportunidades Clínicas e Abordagens Humanizadas no TEA (2020–2025)**

Autor(es)	Ano	Título	Contribuição para o Estudo
Camargo, L. S.; Nunes, L. O.	2020	Singularidade e subjetividade na clínica com autistas	Fundamenta o valor da escuta ética e da subjetividade.
Ferreira, R. S.; Diniz, J. L.	2021	A linguagem simbólica como recurso terapêutico no TEA	Introduz práticas simbólicas como mediadoras da comunicação.
Albuquerque, M. T.; Medeiros, L. P.	2023	A clínica interdisciplinar no atendimento ao autismo	Defende articulação interprofissional como estratégia terapêutica.
Lemos, A. P.; Barreto, H. M.	2024	Ética do cuidado e prática clínica com autistas	Aponta a ética do cuidado como eixo relacional da clínica.
Reis, D. N.; Oliveira, G. T.	2025	Formação continuada e práticas clínicas com TEA	Enfatiza o papel da supervisão e da formação contínua.
Batista, D. L.; Gomes, F. P.	2023	Tecnologias digitais no atendimento clínico de crianças com TEA	Discute o uso ético e adaptado das tecnologias digitais na clínica.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025)

Os quadros apresentados permitem visualizar com maior clareza as contribuições teóricas recentes que fundamentam a discussão sobre a atuação da psicologia clínica no acompanhamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. O primeiro quadro evidencia os principais desafios relatados na literatura, como as lacunas na formação profissional, a dificuldade de estabelecer vínculos terapêuticos com sujeitos não verbais, a

resistência familiar frente ao diagnóstico e a precarização dos serviços públicos de saúde mental. Tais elementos apontam para a urgência de revisão nas práticas formativas, na organização das redes de atendimento e no preparo técnico e ético dos profissionais que atuam nessa área.

Já o segundo quadro destaca **as oportunidades que vêm sendo delineadas no campo clínico**, revelando um movimento de transformação nas abordagens tradicionais. O acolhimento das singularidades, a valorização da linguagem simbólica, a construção de vínculos por meio de mediações não verbais e o uso criterioso das tecnologias aparecem como caminhos possíveis para uma atuação mais sensível e comprometida com as subjetividades. Além disso, a interdisciplinaridade e o fortalecimento da escuta ética consolidam-se como pilares de uma clínica que se quer inclusiva e responsiva às múltiplas formas de existência.

A análise conjunta desses estudos permite afirmar que a psicologia clínica, ao assumir uma postura crítica, relacional e aberta à complexidade do espectro autista, amplia suas possibilidades de intervenção. Nesse processo, desafios e oportunidades não se excluem, mas se entrelaçam, exigindo do profissional constante reflexão, atualização e disposição para reinventar sua prática à luz das demandas contemporâneas. Esses elementos serão aprofundados nos capítulos seguintes, que discutem, de forma mais sistematizada, os impasses e as potências que atravessam a clínica psicológica com o TEA.

## 2 DESAFIOS DA PSICOLOGIA CLÍNICA NO ATENDIMENTO A PESSOAS COM TEA

O atendimento clínico a indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige do psicólogo uma postura flexível, sensível e ética, especialmente no que se refere à escuta das singularidades de cada sujeito. A diversidade de manifestações dentro do espectro desafia modelos tradicionais de psicoterapia, exigindo que os profissionais repensem suas práticas e adotem abordagens centradas na subjetividade. A clínica, nesse contexto, deve acolher modos distintos de ser, comunicar e interagir.

Segundo Bosa (2016), compreender o funcionamento psíquico de pessoas com TEA implica abandonar padrões generalizantes que ainda permeiam parte dos discursos diagnósticos. Para a autora, a escuta clínica deve estar aberta às formas únicas de subjetivação que se expressam mesmo nos silêncios, nos gestos e nas repetições. Essa postura rompe com a lógica da correção e favorece a construção de vínculos autênticos.

Ainda que os desafios da clínica com sujeitos autistas sejam intensos, Bosa (2016) afirma que a construção de laços é possível quando o terapeuta se dispõe a inventar caminhos de aproximação. Crianças com menor responsividade social não estão alheias à relação, mas muitas vezes expressam seu desejo de vínculo por meio de códigos próprios. É papel do psicólogo identificar essas aberturas e investir nelas com criatividade e afeto.

A dificuldade de estabelecer o primeiro contato com crianças que não fazem uso da linguagem verbal é frequentemente relatada pelos clínicos. Essa barreira inicial pode gerar frustração ou insegurança, especialmente entre profissionais pouco experientes. Contudo, quando há insistência ética e sensibilidade, o espaço terapêutico pode se tornar um lugar de encontro simbólico, mesmo que fora da linguagem falada.

De acordo com Silva e Rocha (2019), a heterogeneidade do TEA faz com que a avaliação psicológica demande instrumentos diferenciados, capazes de captar sutilezas no comportamento e na cognição dos sujeitos. A avaliação não deve ser reduzida a protocolos padronizados, mas compreendida como um processo relacional, que respeita o tempo do paciente e as formas alternativas de expressão.

Nesse pensamento, os autores destacam que a formação profissional ainda é insuficiente para lidar com a complexidade do espectro autista. Muitos psicólogos concluem sua graduação sem contato aprofundado com as teorias e práticas específicas sobre o TEA, o que compromete tanto o diagnóstico quanto a intervenção. A carência de disciplinas voltadas para a psicopatologia do desenvolvimento contribui para esse cenário.

Costa, Pinto e Lima (2020) analisam essa lacuna formativa ao apontarem que o preparo técnico-científico na graduação em Psicologia muitas vezes negligencia conteúdos voltados ao autismo. Para esses autores, a ausência de estágios supervisionados com essa população é um dos fatores que impedem a construção de um saber clínico mais robusto e sensível às demandas do espectro.

Os desafios não se limitam à formação inicial, estendendo-se à necessidade de constante atualização. Os modelos terapêuticos voltados para o TEA têm se transformado nos últimos anos, incorporando práticas integrativas e centradas na pessoa. O psicólogo clínico, portanto, deve investir em formação continuada, supervisionada e contextualizada para aprimorar sua escuta e sua técnica.

Outro aspecto relevante apontado por Andrade e Rodrigues (2021) é o papel da comunicação não verbal na clínica com o TEA. Em muitos casos, o sujeito não faz uso da fala

ou apresenta dificuldades em sustentar diálogos convencionais, o que exige do terapeuta uma escuta sensível a sinais corporais, movimentos, entonações e silêncios. Essas formas de expressão precisam ser legitimadas como parte do processo terapêutico.

Segundo os autores, a leitura dos gestos e das ações deve ser feita com cuidado, sem interpretações precipitadas. A clínica torna-se, assim, um espaço de descoberta mútua, onde paciente e terapeuta constroem conjuntamente os sentidos do encontro. Essa perspectiva rompe com o modelo clínico tradicional, centrado na fala, e amplia os horizontes da intervenção psicológica.

A escuta atenta à linguagem corporal do sujeito com TEA pode, inclusive, antecipar sentimentos ou tensões que ainda não encontram palavras. Ao reconhecer o corpo como canal de comunicação, o psicólogo favorece a expressão emocional e contribui para o desenvolvimento de vínculos mais estáveis. Essa escuta ampliada é uma das marcas da clínica contemporânea com autistas.

Outro desafio importante relatado por Tamanaha e Pereira (2022) refere-se à resistência das famílias em aceitar o diagnóstico e buscar acompanhamento terapêutico. Muitas vezes, os pais chegam à clínica emocionalmente fragilizados, tomados por sentimentos de medo, culpa ou negação, o que dificulta o engajamento no processo terapêutico e exige uma postura de acolhimento ético por parte do psicólogo.

Nesse cenário, o psicólogo precisa acolher não apenas o sujeito diagnosticado, mas também sua rede de apoio. O sofrimento familiar pode ser um fator que interfere diretamente no progresso do acompanhamento clínico, tornando essencial o trabalho com os cuidadores. Fortalecer esse vínculo contribui para a continuidade do tratamento e para a construção de um ambiente mais seguro para a criança.

A participação ativa dos familiares no processo terapêutico não significa delegar-lhes responsabilidades clínicas, mas sim reconhecê-los como aliados fundamentais. O apoio aos pais e responsáveis pode ser feito por meio de escuta, orientação e intervenções que ampliem o olhar sobre o comportamento da criança, ajudando-os a compreender suas necessidades e limites.

Do ponto de vista institucional, ainda há uma série de obstáculos que dificultam o exercício pleno da psicologia clínica junto a pessoas com TEA. Moura e Silva (2023) afirmam que a ausência de políticas públicas articuladas e a precariedade das condições de trabalho nos serviços de saúde mental afetam diretamente a efetividade das intervenções terapêuticas.

A sobrecarga dos profissionais, a alta rotatividade nas equipes e a fragmentação dos serviços comprometem o acompanhamento longitudinal e dificultam a construção de vínculos terapêuticos consistentes. A clínica com pessoas com TEA exige tempo, continuidade e investimento relacional, condições que nem sempre estão presentes nas instituições públicas.

Além disso, a escassez de centros especializados e a demora no acesso aos serviços de saúde fazem com que muitas famílias desistam do atendimento ou recorram a práticas não respaldadas cientificamente. O psicólogo clínico, nesse contexto, precisa lidar com os efeitos do abandono institucional e buscar estratégias criativas para manter a qualidade do cuidado.

A ausência de articulação entre os diferentes níveis de atenção à saúde e à educação também prejudica o trabalho clínico. Muitos psicólogos relatam dificuldades em dialogar com professores, médicos e assistentes sociais, o que enfraquece as redes de apoio e compromete a integralidade do atendimento. A clínica não pode ser pensada isoladamente, mas inserida em um sistema de cuidados.

Diante desse cenário desafiador, o campo da psicologia clínica tem buscado alternativas por meio da escuta ética, da atualização das abordagens terapêuticas e da valorização das singularidades de cada sujeito. O próximo capítulo discutirá as oportunidades que vêm sendo construídas nesse processo, destacando práticas que respeitam a diferença e promovem o cuidado em sua dimensão mais humana.

### 3 OPORTUNIDADES NA PRÁTICA CLÍNICA COM O TEA

A prática clínica com pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem se transformado significativamente nas últimas décadas, especialmente com o surgimento de abordagens que valorizam a subjetividade e a singularidade de cada sujeito. A escuta clínica passa a ser entendida como uma escuta ética, que acolhe o modo próprio de ser e de se expressar de cada paciente. Esse deslocamento de foco é fundamental para a construção de intervenções mais humanas e eficazes.

Com base nos estudos de Camargo e Nunes (2020), observa-se um movimento crescente na direção de práticas clínicas centradas na escuta das formas particulares de expressão dos sujeitos com TEA. Para os autores, o acolhimento das diferenças deve estar no centro da atuação clínica, o que implica a superação de modelos normativos que priorizam a adaptação do paciente a condutas consideradas funcionais ou socialmente aceitas. A clínica, nesse contexto, torna-se um espaço de invenção.



Nesse pensamento, a psicologia clínica tem incorporado novas formas de mediação terapêutica, como jogos simbólicos, narrativas compartilhadas e atividades artísticas, respeitando o ritmo do paciente e promovendo vínculos afetivos significativos. Ferreira e Diniz (2021) apontam que essas práticas têm sido especialmente eficazes na ampliação das possibilidades comunicativas dos sujeitos, favorecendo sua autonomia e expressão subjetiva dentro do espaço terapêutico.

Segundo os autores, a introdução dessas metodologias na clínica com autistas não busca substituir a linguagem verbal, mas criar outras vias de encontro possíveis entre terapeuta e paciente. O reconhecimento da comunicação simbólica como válida contribui para romper com o paradigma de que a fala é o único canal legítimo de expressão emocional. A linguagem do corpo, do gesto e da criação artística ganha valor no processo clínico.

Outro aspecto que merece destaque é a crescente valorização da interdisciplinaridade como estratégia de qualificação das práticas clínicas voltadas ao TEA. Conforme destacam Albuquerque e Medeiros (2023), a articulação entre psicólogos e outros profissionais da saúde e da educação é fundamental para a construção de intervenções mais amplas e contextualizadas. A escuta compartilhada permite uma leitura mais sensível das necessidades do paciente.

Em muitos casos, o acompanhamento psicológico é apenas uma parte de um conjunto de apoios necessários para o sujeito com TEA. A presença de comorbidades ou de demandas específicas de comunicação, coordenação motora ou adaptação escolar exige que as intervenções sejam pensadas de maneira articulada, evitando fragmentações que possam comprometer o desenvolvimento integral do paciente. O trabalho conjunto fortalece os resultados terapêuticos.

Dentro desse movimento de ampliação das práticas clínicas, a ética do cuidado tem ocupado um papel central nas discussões mais recentes sobre psicologia e autismo. Para Lemos e Barreto (2024), esse conceito representa mais do que uma postura empática: trata-se de uma ética relacional, que valoriza a escuta, o tempo do outro e a aceitação das diferenças. A prática clínica, então, se organiza a partir de princípios de respeito e reconhecimento.

De acordo com os autores, o rompimento com abordagens baseadas na normalização do comportamento representa um avanço teórico e político para a psicologia. A clínica deixa de ser um espaço de correção para se tornar um espaço de encontro e acolhimento. Essa mudança de paradigma tem consequências diretas na forma como os profissionais se posicionam diante das demandas trazidas pelos sujeitos com TEA e suas famílias.



A formação do psicólogo, nesse contexto, precisa ser constantemente alimentada por espaços de supervisão, trocas profissionais e estudo contínuo. Reis e Oliveira (2025) argumentam que a criação de grupos de estudo, eventos temáticos e supervisões clínicas são instrumentos fundamentais para que o profissional desenvolva uma escuta mais refinada, sustentada teoricamente e sensível às nuances do espectro autista.

A prática clínica com pessoas com TEA exige, portanto, mais do que aplicação de técnicas: exige uma atitude permanente de abertura, revisão e atualização. Os profissionais que investem em formação continuada tendem a apresentar maior segurança e criatividade no manejo clínico, o que beneficia diretamente o processo terapêutico. A supervisão permite ressignificar impasses e ampliar os recursos da escuta clínica.

Outro campo de oportunidades é o uso de tecnologias digitais no contexto da psicologia clínica. Segundo Batista e Gomes (2023), dispositivos como softwares de comunicação aumentativa, aplicativos de organização de rotina e ferramentas interativas podem auxiliar no processo terapêutico, desde que utilizados de forma ética e adaptada à realidade do paciente. A tecnologia, quando bem aplicada, pode favorecer a construção de pontes comunicativas.

O uso dessas ferramentas não substitui o vínculo terapêutico, mas pode ampliar as formas de contato e expressão, especialmente com pacientes que apresentam maior comprometimento na linguagem verbal. É fundamental, no entanto, que o psicólogo avalie cuidadosamente os recursos disponíveis, evitando uma adesão acrítica à tecnificação da clínica. O cuidado continua sendo o eixo central da intervenção.

Além das tecnologias, um aspecto cada vez mais valorizado é a presença ativa das famílias no processo clínico. Psicólogos que se aproximam dos cuidadores e estabelecem uma parceria terapêutica conseguem promover maior continuidade entre o que é trabalhado nas sessões e o cotidiano do paciente. Essa colaboração fortalece os vínculos familiares e contribui para o desenvolvimento emocional da criança.

A escuta das famílias não deve ser limitada a relatos sobre comportamentos ou sintomas. Ela precisa ser ampliada para acolher os afetos, as dúvidas, os medos e as expectativas dos cuidadores. O vínculo entre terapeuta e família pode ser um diferencial importante para o sucesso do acompanhamento, criando uma rede de confiança que sustenta o processo de mudança e crescimento do sujeito com TEA.

A clínica que escuta as famílias também se abre para compreender o contexto em que o sujeito está inserido. Muitos impasses terapêuticos não dizem respeito apenas ao paciente, mas

às condições sociais, afetivas e econômicas que o cercam. A psicologia, nesse sentido, amplia seu campo de atuação quando se posiciona de forma sensível e comprometida com a realidade vivida por esses sujeitos.

Diante de todas essas oportunidades, é possível afirmar que a psicologia clínica vem se fortalecendo como um espaço de acolhimento e transformação no atendimento a pessoas com TEA. Ao romper com modelos prescritivos e investir em práticas criativas, interdisciplinares e eticamente comprometidas, o campo clínico amplia suas possibilidades e se aproxima da complexidade que o espectro autista exige.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa bibliográfica teve como tema a atuação da psicologia clínica no acompanhamento de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando os desafios enfrentados por profissionais da área e as oportunidades que vêm se delineando a partir de práticas mais humanizadas e sensíveis à singularidade. A escolha do tema se deu diante do crescimento do número de diagnósticos e da ampliação das demandas clínicas que exigem abordagens éticas, técnicas e interdisciplinares. A psicologia, nesse cenário, é chamada a repensar suas ferramentas, sua escuta e sua postura diante de sujeitos que escapam das normatividades.

105

O objetivo do artigo foi analisar os desafios e as oportunidades enfrentadas pela psicologia clínica na compreensão, intervenção e acolhimento de pessoas com TEA. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica pautada em publicações recentes de autores que discutem a prática clínica com base em referenciais contemporâneos. O recorte temporal e temático permitiu uma análise crítica sobre a formação dos psicólogos, a construção de vínculos com sujeitos não verbais, as barreiras institucionais e os recursos terapêuticos emergentes no campo da clínica psicológica.

O estudo demonstrou que ainda há muitos obstáculos no atendimento clínico ao público com TEA, especialmente no que se refere à escassez de formação específica nos cursos de graduação, às dificuldades em estabelecer comunicação simbólica com os pacientes e à resistência de algumas famílias em aceitar o diagnóstico. Esses desafios demandam escuta ampliada, atualização constante e compromisso ético com a diversidade dos modos de ser. A psicologia clínica, nesse sentido, precisa afirmar sua potência inventiva diante da singularidade.

Por outro lado, também foi possível identificar caminhos promissores sendo trilhados na clínica com pessoas com TEA. A valorização da subjetividade, a ampliação da escuta para além da linguagem verbal, o uso de recursos simbólicos e o fortalecimento das redes interdisciplinares configuram práticas que vêm transformando o cuidado em direção a intervenções mais integrativas. O reconhecimento do protagonismo das famílias e o uso criterioso de tecnologias também se mostraram como oportunidades de ampliação do processo terapêutico.

O estudo revelou que a atuação clínica com pessoas com TEA exige muito mais do que domínio técnico: exige ética, sensibilidade e compromisso com o sujeito. A psicologia não pode mais sustentar modelos universalizantes e precisa se abrir à multiplicidade de formas de expressão que o espectro comporta. Com base na bibliografia consultada, conclui-se que o avanço da área está diretamente ligado à formação continuada dos profissionais, ao diálogo com outras áreas e à construção de práticas inclusivas.

Com esta pesquisa bibliográfica, aprendeu-se que é possível transformar os desafios em oportunidades por meio de práticas clínicas comprometidas com a escuta e com o respeito às singularidades. A psicologia clínica amplia sua relevância social quando se posiciona de forma crítica diante das exclusões e atua com sensibilidade para acolher sujeitos que, historicamente, estiveram à margem dos atendimentos convencionais. A reflexão proposta contribui, assim, para o fortalecimento de uma clínica mais ética, plural e comprometida com o cuidado.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. T.; MEDEIROS, L. P. **A clínica interdisciplinar no atendimento ao autismo**. Revista Brasileira de Psicologia Clínica, v. 12, n. 1, p. 55-68, 2023.
- ANDRADE, T. S.; RODRIGUES, C. B. **Comunicação não verbal e intervenção clínica no autismo**. Psicologia em Revista, v. 27, n. 4, p. 89-103, 2021.
- BATISTA, D. L.; GOMES, F. P. **Tecnologias digitais no atendimento clínico de crianças com TEA**. Cadernos de Psicologia e Saúde, v. 8, n. 2, p. 120-136, 2023.
- BOSA, C. A. **Autismo: intervenções baseadas em evidências e práticas clínicas**. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, v. 12, n. 2, p. 97-112, 2016.
- CAMPOS, L. S.; NUNES, L. O. **Singularidade e subjetividade na clínica com autistas**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 40, n. 3, p. 187-200, 2020.
- COSTA, M. F.; PINTO, R. J.; LIMA, S. A. **Formação de psicólogos e desafios no atendimento ao TEA**. Revista Ensino em Psicologia, v. 15, n. 1, p. 45-59, 2020.

FERREIRA, R. S.; DINIZ, J. L. **A linguagem simbólica como recurso terapêutico no TEA.** Revista Psicologia Atual, v. 28, n. 1, p. 71-84, 2021.

LEMONS, A. P.; BARRETO, H. M. **Ética do cuidado e prática clínica com autistas.** Revista Perspectivas em Psicologia, v. 19, n. 2, p. 29-44, 2024.

MOURA, V. M.; SILVA, P. F. **Políticas públicas e psicologia clínica no campo do autismo.** Revista Políticas em Saúde Mental, v. 7, n. 1, p. 91-106, 2023.

REIS, D. N.; OLIVEIRA, G. T. **Formação continuada e práticas clínicas com TEA.** Revista Formação em Psicologia, v. 4, n. 3, p. 133-147, 2025.

SILVA, A. L.; ROCHA, M. N. **Avaliação psicológica e o espectro autista.** Revista Brasileira de Avaliação Psicológica, v. 8, n. 4, p. 215-228, 2019.

TAMANHAHA, A. C.; PEREIRA, J. C. **Famílias e acolhimento clínico no autismo.** Cadernos de Psicologia Social, v. 11, n. 1, p. 63-77, 2022.